

PERGUNTAS DIRECIONADAS EXCLUSIVAMENTE PARA A CHAPA 1

(Via Formulário Google e durante o debate e não respondidas)

RESPOSTAS DA CHAPA 1

Professora Claudia Regina Vieira (diretora) e professor Rodolpho Cesar dos Reis Tinini (vice-diretor)

PERGUNTA 1

O lema da chapa é "Ouvir, Refletir e Reagir". Entretanto, durante os processos de reformulação dos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Engenharia de Alimentos e Engenharia Agrícola e Ambiental, conduzidos à época pelos atuais candidatos à diretoria e vice-diretoria da chapa, diversos docentes relataram não terem sido consultados nem convidados a participar de discussões sobre alterações curriculares relevantes, incluindo a retirada de disciplinas como por exemplo: Extensão Rural, Empreendedorismo e Marketing (da Engenharia Agrícola) e Tópicos em Ciências Agrárias (da Alimentos) dentre outras. Diante desse histórico, como a chapa explica a aparente divergência entre o lema que apresenta à comunidade e a forma como esses processos foram conduzidos? Quais garantias concretas a chapa oferece de que, caso eleita, as decisões institucionais serão efetivamente construídas por meio de ampla escuta e participação da comunidade acadêmica?

RESPOSTA:

A construção das reformas dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) ocorreram desde 2014, para ambos os cursos, somando mais de dez anos de diálogos e processos coletivos. É importante contextualizar que há uma exigência da PROGRAD de manutenção de carga horária de 3.600 horas na formatação dos cursos, o que impõe desafios concretos para a inclusão ou exclusão de atividades acadêmicas curriculares (AAC).

A título de conhecimento, sem anular nossas responsabilidades, a condução não foi realizada apenas pelos atuais candidatos, como afirma a pergunta. Ao longo desse período, cada curso foi coordenado por diferentes docentes e diferentes estruturas (membros docentes) de colegiados e do Núcleo Docente Estruturante (NDE), o que naturalmente implica variações na condução dos processos participativos em cada gestão. Durante esses anos de discussão, ambos PPC foram reformulados e discutidos a fim de atender as Normas Gerais de Graduação (NGG) da UFMG.

A retirada das AAC mencionadas refletiu um entendimento construído entre os pares de que essas não seriam ofertadas no núcleo de obrigatórias ou de optativas, mas os discentes continuam podendo cursá-las como ACC para integralização de horas do núcleo geral ou complementar, sem comprometimento algum na formação acadêmica e profissional dos alunos.

Reconhecemos, no entanto, que processos dessa magnitude exigem escuta ampla e constante, e que nem sempre todos os docentes se sentiram suficientemente incluídos, e isso é algo que levamos a sério. O lema "ouvir, refletir e agir" não é apenas uma promessa de campanha, mas um compromisso de conduta que pretendemos institucionalizar caso eleitos. Para isso, nos comprometemos a ampliar os canais de participação docente nas decisões curriculares e institucionais, sugerindo que reuniões de NDE e Colegiado sejam amplamente divulgadas, com pauta antecipada e espaço real para contribuições de todos os docentes, técnicos e discentes. A gestão participativa não se constrói em um único processo. Ela se constrói dia a dia, com transparência, diálogo e respeito às diferentes vozes da comunidade acadêmica.

PERGUNTA 2

A chapa 1 afirma possuir a equipe mais preparada para dirigir o ICA. Entretanto, a professora Luciana, atualmente candidata a vice-diretora pela chapa, esteve entre sua opção para compor a chapa 1 como candidata a vice diretora o que demonstra reconhecimento de sua competência e capacidade de gestão. Minha pergunta é: se a professora Luciana era considerada uma escolha desejável para compor a chapa 1, quais elementos objetivos a chapa apresenta para convencer a comunidade de que seu projeto e sua equipe são superiores ao projeto e à equipe que ela hoje integra?

RESPOSTA:

Embora consideremos a pergunta de cunho pessoal, informação advinda de uma conversa particular entre eu, professora Claudia, e a professora Luciana, agradecemos o reconhecimento implícito na pergunta quanto à experiência da mesma, que, de fato, é uma profissional de excelência e cuja competência nunca esteve em dúvida. No entanto, a professora Luciana recusou o convite na ocasião, alegando que já havia se comprometido com outra docente para compor uma proposta de gestão para 2030-2034, tornando inviável assumir um compromisso nesta próxima gestão, e eu aceitei sua justificativa de bom grado, uma vez que foi pautada em uma decisão pessoal.

No entanto, sabemos que, em nosso Campus, temos outros docentes com perfil para assumir o cargo de Vice-Direção e, conseqüentemente, assumir o cargo na Coordenação de Ensino e Pesquisa. O professor Rodolpho, sem dúvida alguma, tem grande expertise na área de ensino, pois foi subcoordenador do curso de Engenharia Agrícola e Ambiental durante o período de 2017 a 2020 e coordenador durante o período de 2020 a 2026. Coordenou a equipe para as duas avaliações do curso pelo MEC, nas quais houve, satisfatoriamente, o reconhecimento de excelência, recebendo a nota máxima, nota 5, na avaliação.

Além disso, o professor Rodolpho compartilha das mesmas ideias que as minhas. Nos conhecemos e convivemos há dez anos, o que nos permite concordar e discordar com respeito e ponderação. Assim, nosso projeto foi construído coletivamente, a partir de escuta ativa à comunidade docente, técnica e discente do ICA. Ele nasceu de um diagnóstico real das demandas do Campus, e não exclusivamente da intenção de duas pessoas, e se apoia em uma equipe que já trabalha de forma integrada, com histórico de colaboração e alinhamento de valores há uma década, não uma equipe montada por conveniência de composição, mas por convergência de visão.

Acreditamos que não existem “equipes e projetos” superiores ao se compararem as duas composições de chapas e programas de trabalho. O que existe é a identificação de cada indivíduo da comunidade acadêmica em relação às pessoas e às suas propostas, para, assim, serem capazes de tomar decisões que possam beneficiar toda a comunidade acadêmica, sem distinções de classe acadêmica e/ou cursos nos quais estão inseridos.

Assim, convidamos a comunidade acadêmica a avaliar não apenas os nomes que compõem cada chapa, mas as propostas concretas que cada uma apresenta para o ICA, em termos de infraestrutura, apoio à pesquisa, ensino, extensão, condições de trabalho e participação coletiva. Além disso, busquem avaliar o comportamento ético e respeitoso dos candidatos, afinal, estes serão os futuros gestores de uma Unidade Acadêmica da UFMG, da qual vocês fazem parte. É no mérito do projeto e na transparência dos candidatos que pedimos o voto de confiança da comunidade acadêmica.

PERGUNTA 3

O professor Rodolpho frequentemente menciona os resultados positivos alcançados pelo curso de Engenharia Agrícola e Ambiental como evidência de sua experiência em gestão. Ao mesmo tempo, o curso de Engenharia de Alimentos, que foi coordenado pela professora Claudia por duas vezes em diferentes momentos (inclusive nos últimos dois anos), vem enfrentando desafios importantes, como redução da procura por vagas, perda de 20 vagas para o curso de farmácia, evasão e o conceito 2 obtido no último ENADE. Minha pergunta é: quais lições a professora Claudia extrai dessa experiência de gestão? Em retrospectiva, quais decisões ou estratégias poderiam ter sido diferentes e de que forma esse aprendizado contribuirá para a condução do ICA caso a chapa seja eleita?

Essa pergunta foi respondida durante o debate. Foi a primeira pergunta feita à chapa 1.

PERGUNTA 4

Considerando os relatos de utilização de estudantes de pós-graduação em estágio de docência e de técnicos administrativos em educação para ministrarem aulas em substituição ao docente responsável, vezes sem a devida supervisão pedagógica prevista nas normas institucionais, quais medidas sua gestão pretende adotar para garantir o cumprimento das atribuições docentes, a valorização dos TAEs, a qualidade do ensino e o respeito às normas acadêmicas?

RESPOSTA:

Acreditamos que toda situação dessa natureza deve ser tratada com responsabilidade e baseada em fatos devidamente apurados. Na observância dessas situações, estas devem ser relatadas ao Coordenador de Ensino e Pesquisa, no caso, ao Vice-Diretor do Campus.

Nossa proposta de gestão tem como princípio a valorização e o protagonismo de cada membro da comunidade acadêmica, sem que isso signifique desrespeitar o cumprimento das normas institucionais.

Geralmente, os regulamentos dos cursos de pós-graduação preveem que atividades de capacitação para a docência (ou estágio de docência) devem ser desempenhadas por estudantes bolsistas, regularmente matriculados, podendo também ser realizadas por estudantes sem bolsa, sendo que estas compreenderão atribuições relativas a encargos acadêmicos associados a atividades acadêmicas de graduação, sob a supervisão de um docente responsável pela AAC.

Diferentemente, Técnicos Administrativos em Educação (TAE) não podem assumir responsabilidades que não lhes competem, mesmo sob a supervisão de um docente, pois isso caracteriza desvio de função. Há de se considerar, no entanto, aqueles TAE matriculados em cursos de pós-graduação da UFMG, Campus Montes Claros, exercendo tal atividade sob a supervisão de um docente, no papel de aluno.

Para garantir a não execução dessa prática, precisamos orientar os coordenadores de cursos de Pós-Graduação para a observância das normas vigentes, presentes em seus regulamentos, para que estes possam promover o diálogo permanente com os docentes, evitando eventuais irregularidades em seus cursos.

Nosso compromisso será assegurar a qualidade do ensino, a segurança jurídica para docentes, TAE e estudantes e o respeito às normas acadêmicas.

PERGUNTA 5

Muitas decisões de gestão dependem de conhecimento das relações históricas, das especificidades regionais e locais e dos processos já implementados anteriormente. O senhor acredita que alguém que não vivenciou os principais desafios recentes do instituto e que não conhece as particularidades da região pode possuir a mesma capacidade de gestão que alguém que acompanhou esses processos ao longo dos anos? Por quê?

RESPOSTA:

Inicialmente, conforme mencionamos no debate, estamos na UFMG, Campus Montes Claros, há mais de dez anos, e nós acompanhamos e vivenciamos os principais desafios recentes do ICA. Não desmerecemos ou desconsideramos quem vivenciou por mais tempo outras transformações ocorridas no Campus, e essa experiência merece ser valorizada e ouvida.

Entretanto, treze e dez anos não são um ou dois anos de vivência dentro do contexto universitário da UFMG no Norte de Minas Gerais. Esse tempo em que estamos aqui nos permitiu adquirir uma grande bagagem de conhecimento para compreender as particularidades da região. Afirmar que não conhecemos ou que não acompanhamos os processos e desafios ao longo destes anos não condiz com a realidade, pois, há cerca de dez anos, o Campus ainda enfrentava grandes entraves, como a falta de infraestrutura e a escassez de recursos humanos, o que foi minimizado, mas não totalmente solucionado.

Acompanhamos e fizemos parte de uma grande transformação nos últimos anos no Campus. Presenciamos as dificuldades em gerir uma Unidade Acadêmica como a nossa, com cortes orçamentários. Estivemos presentes em cada conquista e também em cada desafio.

Mensurar a capacidade de gestão de uma pessoa é muito subjetivo. No nosso ponto de vista, a capacidade de gestão está interligada à sua capacidade de liderança, planejamento e tomada de decisão baseada em evidências e, principalmente, na disposição para ouvir e construir soluções de forma coletiva.

Sabemos que um membro da comunidade acadêmica que está há mais tempo no ICA vivenciou outros momentos históricos, mas uma gestão participativa e inclusiva não depende exclusivamente de apenas uma pessoa, e sim se baseia na memória institucional construída por toda a comunidade acadêmica, por meio de documentos institucionais, que nos permitem conhecer e aprender sobre a nossa história.

Obs.: Perguntas transcritas integralmente como apresentadas pela comunidade acadêmica.